

Flavio García, *Discursos fantásticos de Mia Couto – Mergulhos em narrativas curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*, Publicações Dialogarts, Rio de Janeiro, 2013. ISBN 978-85-8199-011-8

A escrita do escritor moçambicano Mia Couto é a expressão de uma literatura em trânsito. As literaturas pós-coloniais¹ como um todo, independentemente de seu local de origem, refletem o período em que se constituíram, de conflito e guerras, e, por seu caráter emergente, careceram, desde o princípio, de uma ficção capaz de traduzir não apenas as idiosincrasias dos locais onde essas literaturas se desenvolveram, mas também de refletir o caráter transitório do tecido social. Assim, era de se esperar que houvesse um duplo processo de apropriação e distanciamento das matrizes literárias eurocêntricas, que, surgidas no século XIX, não podiam representar essa nova realidade.

A opção de Mia Couto foi enveredar pela transgressão da realidade referencial, operacionalizada pela presença de elementos insólitos, advindos da tradição e da cultura autóctones. A transgressão não

implica o afastamento da realidade, mas a irrupção do sobrenatural em meio ao natural, dos *mirabilia* em meio aos *realia*, conforme nos faz lembrar Roger Caillois, ao afirmar que «o fantástico é a ruptura da ordem reconhecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade quotidiana, e não a substituição total do universo real por um universo exclusivamente maravilhoso» (1965: 161).

Flavio García, neste novo livro, sem deixar de reconhecer que já não constitui novidade estudar a obra de Mia Couto pelo viés crítico-literário do fantástico, analisa criticamente as narrativas curtas e de média extensão do autor moçambicano, a fim de demonstrar que «as literaturas africanas de língua portuguesa recorreram a estratégias de construção narrativa comprometidas com a representação do insólito ficcional», ou seja, com «diferenças instauradas pela incoerência entre a representação mimética verossímil e sua referencialidade no plano da realidade exterior à ficção» (2013: 21).

António José Marques Martins (2006: 36), ao analisar a expressividade das narrativas curtas no panorama literário das ex-colônias, afirma que «o conto africano é uma resposta a um mundo em transformação, não se coibindo de inovar

1 Cabe aqui definir o escopo da palavra pós-colonial, que ora tem sido interpretada como uma marca temporal, ora como um contexto histórico, político, social e cultural próprio das nações que conquistaram sua independência após um longo período de dominação política e cultural. Neste texto, empregamos o adjetivo «pós-colonial» segundo a ótica do comparatista Armando Gnisci (1999), que o interpreta como um processo de descolonização cultural e de desconstrução dos modelos de dominação que têm orientado não só os estudos culturais como também uma boa parte dos estudos literários contemporâneos.

em termos de estilo e forma». Ainda, segundo Martins (2006: 37), «A opção pelo conto, em África, representa, ao mesmo tempo, uma ruptura e um regresso ao passado na medida em que o autor africano preserva essa herança oral, mas transforma-a de modo a dar resposta a uma sociedade que apresenta novos contornos e novas exigências, uma sociedade em crescente complexidade e em rápida mutação». Justifica-se, assim, o interesse particular de García por essas narrativas mais curtas, por sua permeabilidade e flexibilidade para expressar as tensões político-sociais inerentes ao tempo de sua escritura.

García principia por abordar os traços identitários da realidade moçambicana sob as lentes do maravilhoso e atribui à proximidade temporal entre o *boom* da literatura hispano-americana e o processo de independência das ex-colônias portuguesas em África a presença, nas literaturas africanas de língua portuguesa, de estratégias de construção narrativa próprias do realismo maravilhoso, segundo apresentadas por Alejo Carpentier (1966 e 1987), Irlemar Chiami (1980) e Bella Jozef (2006), por exemplo, que já as apontavam como evidência de movimentos telúricos de retorno ao mito, às lendas e crenças. Dessa maneira, conforme argumenta García, ao invés de buscar nas metrópoles europeias modelos que viessem a moldar suas literaturas nacionais, as novas nações debruçaram-se sobre as literaturas de outras ex-colônias que refletiam o imaginário autóctone, como os países da América Latina.

No capítulo intitulado «Reconstru-

ção mosaica da identidade moçambicana» (pp. 25-33), García busca demonstrar que a literatura de Mia Couto se desenvolve a partir do resgate, por meio da ficção, de traços da memória ancestral, acrescidos de um magistral manusear dos fenômenos e aspectos linguísticos, entre eles, a tensão entre a língua do colonizador, o português deixado de herança na terra invadida, ocupada e espoliada, e as muitas línguas locais, a ênfase à oralidade e as «brincadeiras».² O mosaico a que García se reporta define assim a identidade moçambicana como plural, híbrida, mestiça.

O terceiro capítulo (pp. 35-43) consiste em uma minuciosa revisão de teorias sobre o fantástico, tanto genológico como modal, o realismo mágico e o realismo maravilhoso, enfatizando em todas elas a presença do termo «insólito», muito embora nem sempre com o mesmo sentido. É essa constância do termo observada por García que lhe permite postular a existência do insólito ficcional como categoria comum a vários gêneros literários ou como um macrogênero, em oposição a um sistema real-naturalista, reunindo sob sua égide um conjunto de subgêneros que têm na presença do insólito um traço comum, dentre os quais: o fantástico, o maravilhoso, o estranho, o absurdo e o sobrenatural.

Nesse capítulo, García traz à baila um debate teórico basilar, em que o fantástico tem sido visto: como gênero literário, seguindo-se as proposições de Todorov em *Introduction à la littérature fantastique*

² Inserção de ditos supostamente populares que, na realidade, são criações do autor. (Leite 1999: 78).

(1970), ou como modo discursivo, acompanhando-se o raciocínio desenvolvido por Irène Bessièrre em *Le recit fantastique* (1973). Em suas reflexões, o autor se serve, no entanto, das obras de Furtado (1980) e Prada Oropeza (2006), o primeiro na abordagem do fantástico genológico, e o segundo em uma orientação modal.

Partindo de uma citação de Roas, García busca demonstrar que a subversão da percepção se dá pela transgressão dos códigos do realismo, a partir da irrupção do insólito ficcional:

lo fantástico es un modo narrativo que emplea el código realista, pero que a la vez supone una transgresión de dicho código: los elementos que pueblan los relatos fantásticos participan de la verosimilitud y del <<realismo>> propios de las narraciones miméticas, y únicamente la irrupción, como eje central de la historia, del acontecimiento inexplicable marca la diferencia esencial entre ambas formas. (Roas, 2011: 112-113 *apud* García, 2013: 43.)

A par do debate que possa surgir dessas duas possibilidades expostas por García, atribuir à manifestação discursiva do insólito ficcional a garantia do efeito fundamental que caracteriza o fantástico pode, de fato, tornar-se um fator complicador, uma vez que não há como ignorar o papel da recepção na decodificação do texto, como afirma Roas no Prefácio à obra: «Sí bien ambos géneros (si podemos denominarlos así) se construyen em torno a lo insólito y comparten estrategias dis-

cursivas com lo fantástico, también es cierto que los efectos que provocan en el receptor son diferentes» (p. 19).

Se, por um lado, o insólito pode ser considerado elemento constitutivo da ficção em si, por outro, é inegável que cabe ao leitor interpretar a sua presença no universo ficcional. Interpretação esta que exige do leitor uma espécie de pacto, cuja aceitação implica «a identificação do leitor empírico com o leitor potencial da obra, aquele que fora idealizado pelo autor quando da sua escrita, em suma: o leitor capaz de compreendê-la em sua amplitude e em seus mais profundos e ocultos significados» (Carreira, 2010: 105). O insólito na obra de Mia Couto há de ter, assim, diferentes modos de recepção, subordinados a fatores como a cultura e o conhecimento de mundo do leitor. Ora o leitor poderá interpretá-lo como um conflito «metafísico» entre o real e o irreal, condição para a existência do fantástico, ora aceitará plenamente o pacto da verossimilhança, neutralizando o conflito e estabelecendo-o no âmbito do maravilhoso. A argumentação de García é que «a manifestação do insólito na narrativa importa para a estruturação dos protocolos ficcionais que dão sentido à construção do discurso ou do gênero literário» (p. 42).

No quarto capítulo (pp. 45-65), García aborda a apropriação de estratégias de construção narrativa do realismo maravilhoso em duas obras de Mia Couto: *A varanda do frangipani* e *Vinte e zinco*. A revisão teórica do realismo maravilhoso, que perpassa os textos de Alejo Carpentier (1966 e

1987), Irleamar Chiampi (1980) e Bela Jozef (2006), é o ponto de partida para sua argumentação de que a literatura moçambicana, ao desviar o olhar dos modelos europeus, encontrou na América Latina, e em particular no realismo maravilhoso, a expressão contra-hegemônica que lhe serviu de inspiração. O capítulo em si apresenta-se como uma digressão em seu estudo sobre o fantástico, uma vez que o maravilhoso exige a naturalização dos eventos insólitos.

O quinto capítulo (pp. 67-78) tem por objeto uma leitura crítico-interpretativa de *Mar me quer*, que se apoia em perspectivas teóricas do fantástico perpassando a questão dos temas conforme Todorov, a noção de motivo segundo Tomachevski e os conceitos de desfamiliarização e estranhamento formulados por Chklovsky. O autor busca demonstrar que os eventos insólitos em *Mar me quer* cumprem a função de instaurar a dúvida, fazendo com que a hesitação permaneça, e o desfecho mantenha-se indefinido, condição básica à consumação do gênero fantástico.

A obra de García não pretende estabelecer princípios que neutralizem óticas divergentes dos teóricos do fantástico ou mesmo dos africanistas. Sua visão é a de que mesmo a literatura de uma cultura como a africana, em que não há estranhamento em relação ao trânsito entre o natural e o sobrenatural, pode suscitar no leitor empírico reações compatíveis com o conceito do fantástico, provocando uma inquietude frente à possibilidade do que se crê impossível.

Os textos de Mia Couto selecionados por García demonstram claramente que a presença do fantástico nas literaturas africanas de língua portuguesa não estaria necessária e exclusivamente presa à hesitação intratextual, ou seja, ao plano do universo ficcional, da *diegese*, onde os seres de papel transitam, mas assumiria, também, um caráter extratextual, concretizando-se por meio do leitor empírico, no ato da leitura.

Pode-se dizer, portanto, que, em *Discursos fantásticos de Mia Couto – Mergulhos em narrativas curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*, García proporciona um avanço nas reflexões e investigações acerca do insólito ficcional e seus desdobramentos como estratégias narrativas da literatura contemporânea, bem como permite que se leia a obra de Mia Couto sob outras nuances, inscrevendo-a, em sentido amplo, no vasto universo de vertentes da literatura fantástica, em particular, no seio dos discursos fantásticos contemporâneos.

SHIRLEY CARRERIRA
UNIABEU (Brasil)
shirleysgcarr@gmail.com



BIBLIOGRAFÍA

- CAILLOIS, Roger (1965): *Au coeur du fantastique*, Gallimard, París.
- CARPENTIER, Alejo (1966): Prefácio a *O reino deste mundo*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- CARPENTIER, Alejo (1987): *A literatura do maravilhoso*, Vértice, São Paulo.
- CARREIRA, Shirley de S. G. (2010): «Relações entre o insólito e os leitores empírico e virtual», *Caderno Seminal Digital*, Ano 16, nº 14, V. 14, Jun.- Dez., Rio de Janeiro, pp. 102-115.
- CHIAMPI, Irlemar (1980): *O realismo maravilhoso*, Perspectiva, São Paulo.
- FURTADO, Filipe (1980): *A construção do fantástico na narrativa*, Horizonte, Lisboa.
- GNISCI, Armando (1999): *Poetische dei mondi*, Meltemi, Roma.
- JOZEF, Bella (2006): *A máscara e o enigma*, Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- LEITE, Ana Mafalda (1999): «Prefácio», em Fernanda Cavacas, *Mia Couto: brinciação vocabular*, Mar Além/ Instituto Camões, Lisboa, pp. 7-8.
- PRADA OROPEZA, Renato (2006): «El discurso fantástico contemporáneo: tensión semântica y efecto estético», *Semiosis*, II, núm. 3, pp. 53-76.
- ROAS, David (2011): *Tras los límites de lo real. Una definición de lo fantástico*, Páginas de Espuma, Madrid.